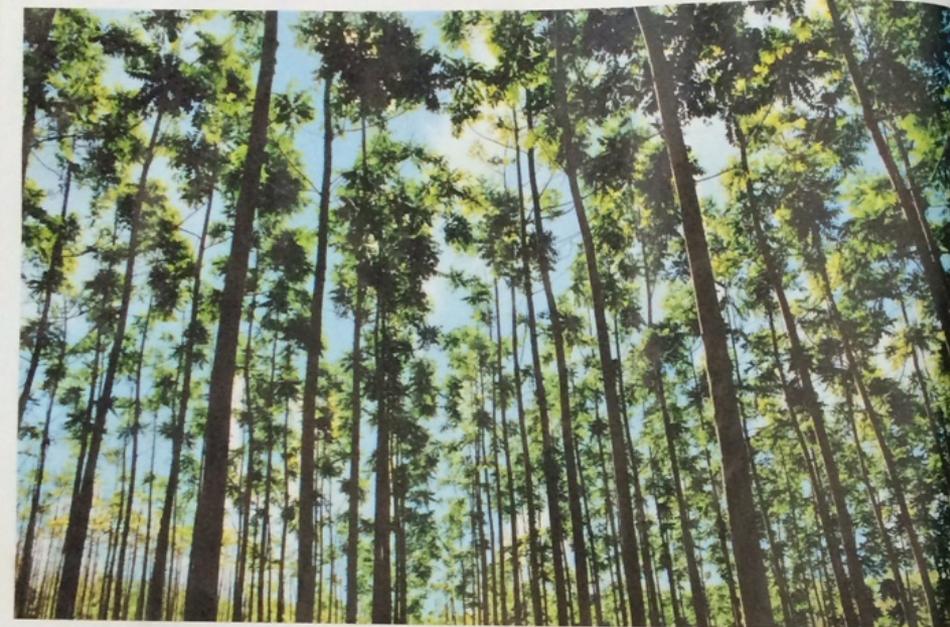


CLONE À VENDA, CEDRO NA MATA

texto e fotos | LUCAS MAGALHÃES

Pesquisadores mineiros conseguem o primeiro clone comercial do cedro-australiano, alternativa sustentável para preservar na natureza uma espécie rara, de madeira nobre e muito procurada para diversos usos



Arvore frondosa, que dá madeira leve e resistente para múltiplos usos, o cedro brasileiro (*Cedrela fissilis*) é uma das espécies mais procuradas no comércio. De cor parecida com a do mogno, serve para tudo. Pela nobreza, no entanto, é usado preferencialmente em móveis finos, acabamento interno em construção civil – como janelas, forros e guarnições –, na indústria naval como casco de embarcações leves e arremates internos decorativos, como matéria-prima de artigos de escritório e de decoração, instrumentos musicais e obras de arte.

Das oito espécies do gênero *Cedrela*, a nativa do Brasil, *C. fissilis*, tem ampla distribuição pelo País, onde é conhecida, conforme a região, por quase 30 nomes

populares, entre eles cedro-amarelo, cedro-rosa, cedro-branco, cedro-vermelho, cedro-batata, cedro-verdadeiro, além de várias denominações indígenas como acaiaçá e variantes.

Com tantos usos, o cedro brasileiro foi tão explorado que se tornou raridade. Agora um concorrente que veio da Austrália é esperança para acabar com o desmatamento e preservar a espécie nativa em suas áreas de ocorrência, preferencialmente o solo úmido da Mata Atlântica. Pesquisadores da Universidade Federal de Lavras (UFLA), de Minas Gerais, conseguiram a primeira clonagem comercial do mundo do cedro-australiano (*Toona ciliata*). O resultado da experiência está em uma fazenda em Campo Belo (MG): 70 hectares de *T. ciliata* clonado.

A conquista que exigiu muito tempo dos

pesquisadores e dinheiro do empresário Ricardo Steinmetz Vilela, dono da fazenda. Quando começou a trabalhar no mercado de madeira, no início dos anos 2000, Vilela não imaginava que um dia pudesse encabeçar e financiar uma pesquisa genética. O empresário viajou para a Austrália em busca das origens do cedro, na tentativa de competir com outros produtores e oferecer ao mercado um produto de qualidade e autossustentável. “Passei quase dez anos em parceria com centros internacionais e brasileiros de pesquisa para dominar a cultura do cedro, acreditando que a saída era oferecer um produto mais rentável e ambientalmente viável”, conta.

O trabalho científico ficou por conta de Sebastião Rosado, Antônio Furquini e Edson Pozza, pesquisadores da UFLA.

O cedro-australiano é imune ao ataque da broca, é mais produtivo e cresce mais rápido do que as outras espécies

O objetivo inicial era entender a cultura e melhorar geneticamente a planta para torná-la resistente a pragas e uniforme em seu crescimento, os dois problemas que atrapalham a produção da espécie *C. fissilis* no Brasil. Foi no Australia Tree Seeds Center, um banco de sementes que reúne cultivares das plantas nativas daquele país, que o empresário conseguiu reunir sementes vindas de toda a costa leste australiana.

Para o trabalho em Campo Belo, trouxe inicialmente sementes de cem árvores que formaram a matriz do cedro que hoje o empresário comercializa. “Não bastava uma semente de cedro qualquer

UNIFORMIDADE

O tronco do cedro-australiano é mais reto e uniforme (acima e págs. anteriores) do que o da espécie brasileira. Na pág. seguinte, o matrizeiro na estufa em Campo Belo (MG)



para ser nossa matriz. Precisávamos de sementes diversificadas, mas puras, com informações genéticas suficientes e procedência.”

Uma grande estufa foi montada na zona rural de Campo Belo para os pesquisadores estudarem a resistência, a evolução e a nutrição da planta. Para formar o clone do cedro-australiano, uma árvore adulta, já melhorada geneticamente, foi escolhida por sua qualidade e uniformidade. Dela foram retirados vários pedaços do tronco que ao serem replantados várias vezes geraram mudas geneticamente idênticas à árvore original. O que parece simples levou três anos para chegar a um resultado capaz de ser reproduzido, acompanhado de perto pelos pesquisadores. Ao todo foram sete anos de estudos e mais de três milhões de reais investidos.

A experiência bem-sucedida no

Brasil foi descrita na revista *New Forests*, publicação científica australiana, pelo professor Sebastião Rosado, responsável pelo levantamento genético. O cedro se deu muito bem em terras brasileiras, segundo o pesquisador, porque “há uma semelhança no clima dos dois países.”

O clone do cedro-australiano oferece várias vantagens: é mais resistente aos ataques das formigas e imune à principal praga que ameaça as outras espécies cultivadas no Brasil, a broca-do-cedro (*Hypsipylis grandella*), que diminui a qualidade da madeira. Além disso, o clone é mais produtivo e cresce de maneira uniforme, como explica Rosado: “O cedro que temos no País hoje é pouco produtivo, tem formatos variados e cresce de forma desuniforme, chegando a uma produtividade média de 12 m³ por hectare. Já o clone do cedro melhorado geneticamente dá um salto incrível até

38 m³ por hectare plantado, cresce de forma uniforme, sem necessidade de podas constantes, o que reduz o custo no investimento do produtor.”

O fazendeiro Ricardo Vilela acrescenta outra vantagem do clone: em 8 anos a plantação está pronta para a comercialização, contra 15 anos das outras espécies. E a experiência de Campo Belo mostrou também que, mesmo sem a clonagem, o cedro-australiano é capaz de produzir no Brasil até quatro vezes mais do que no país de origem. Segundo os pesquisadores, o *T. ciliata* se desenvolve muito bem em todas as áreas onde as oito espécies do gênero *Cedrela* são produzidas.

Para o professor Rosado, a pesquisa foi longa, mas depois que a barreira foi vencida, “agora há uma redução importante de custos. O cedro é uma forma de renda que combina muito bem com pequenas e médias propriedades,

A pesquisa genética para o plantio de florestas de baixo custo é a saída para a preservação das áreas verdes

especialmente com a agricultura familiar. O clone é uma saída para o desmatamento.”

Vilela afirma que o mercado está aceitando muito bem o clone do cedro-australiano no primeiro ano de comercialização e concorda que a experiência pode ajudar a preservar as florestas brasileiras, “mas a porta para a preservação das nossas matas é, sem dúvida, a pesquisa genética para florestas plantadas de baixo custo.” Para o produtor, “o mercado tem a tendência de ir contra a sustentabilidade; é necessário fazer parcerias para poderemos ofertar respostas comerciais para o problema. Só políticas de contenção não são suficientes.”

CUIDADOS

A irrigação adequada é imprescindível para o desenvolvimento das mudas do cedro-australiano. Com um ano, os pequenos ramos já se mostram viçosos (pág. seguinte)